

A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DA HISTÓRIA MEDIEVAL: O TEMA DA CAVALARIA A PARTIR DOS FOLHETOS DE LEANDRO GOMES DE BARROS

Brazilian Cordel literature in Medieval History teaching: the cavalry theme from the cordel booklets of Leandro Gomes de Barros

Geraldo Magella de Menezes Neto
Doutor em História na Universidade Federal do Pará (UFPA)
Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Belém-PA (SEMEC)
Professor de História e Estudos Amazônicos da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC)

ORCID: [0000-0001-8434-641X](https://orcid.org/0000-0001-8434-641X)
E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

Recebido em: 27/03/2022
Aprovado em: 04/07/2022

Resumo: O presente artigo faz uma reflexão sobre a utilização da literatura de cordel no ensino da Idade Média a partir de dois folhetos do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros: *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e *A prisão de Oliveiros e seus companheiros*. Embora produzidos no início do século XX, estes folhetos trazem narrativas inspiradas nos mitos sobre Carlos Magno e a cavalaria medieval, destacando as lutas dos cristãos contra os muçulmanos na Idade Média. Estas histórias foram criadas no período medieval, sendo reelaboradas e recriadas ao longo do tempo até chegar ao Brasil com a colonização portuguesa, fazendo parte da tradição oral principalmente no Nordeste. Dessa forma, trazem marcas das reminiscências medievais. Assim, o artigo discute o mito de Carlos Magno e da cavalaria; o início do “ciclo carolíngio” na literatura de cordel; e as possibilidades de utilização dos folhetos de Leandro no ensino da História Medieval.

Palavras-chave: Ensino de História; História Medieval; Literatura de cordel.

Abstract: This paper reflects on the use of Brazilian Cordel literature in the teaching of the Middle Ages based on two cordel booklets by the poet from Paraíba State, Brazil, Leandro Gomes de Barros: *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* (Battle of Oliveiros with Ferrabrás) and *A prisão de Oliveiros e seus companheiros* (The prison of Oliveiros and his companions). Although obtained at the beginning of the 20th century, these cordel booklets bring narratives inspired by the myths about Charlemagne and medieval chivalry, emphasizing how the Christians fought against the Muslim in the Middle Ages. These stories were made in the medieval period, being reworked and recreated over time until arriving in Brazil with Portuguese colonization, being part of the oral tradition mainly in the Northeast of Brazil. In this way, they bear marks of medieval reminiscences. Thus, this paper discusses the myth of Charlemagne and cavalry; the beginning of the “Carolingian cycle” in the Cordel literature; and the possibilities of using Leandro’s cordel booklets in the Medieval History teaching.

Keywords: History teaching; Medieval History; Cordel literature.

Introdução

Eram doze cavaleiros,
Homens muito valorosos,
Destemidos e animosos
Entre todos os guerreiros,
Como bem fosse Oliveiros,
Um dos Pares de fiança
Que sua perseverança
Venceu todos infiéis,
Foram uns leões cruéis
Os doze pares de França. (BARROS, 1913: p. 1).

Com os versos citados acima o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) inicia sua narrativa sobre o imperador Carlos Magno e seus cavaleiros, conhecidos como os Doze Pares de França. Inspirado nas narrativas de cavalaria do período da Idade Média e na tradição oral, Leandro produziu dois folhetos sobre o tema: *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e *A prisão de Oliveiros e seus companheiros*, ambos no início do século XX, sendo as primeiras narrativas do chamado “ciclo carolíngio” no cordel. Estes folhetos fizeram muito sucesso com o público consumidor desta literatura, sendo reeditado várias vezes até hoje. Nesse sentido, a chamada literatura de cordel com sua linguagem em versos rimados se apresenta como um recurso didático interessante para o professor de História trabalhar com os alunos os conteúdos relativos à Idade Média na educação básica, a exemplo do tema da cavalaria.

O ensino da Idade Média¹ está presente nos currículos escolares no Brasil desde o século XIX.² Desde então, tem sido objeto de reflexões, como a análise dos conteúdos sobre o medievo nos livros didáticos de História. Em sua maior parte, os estudos adotam uma postura crítica em relação aos livros escolares, apontando que estes trazem muitas vezes uma abordagem reducionista da Idade Média, restringindo-a somente a temas como feudalismo, sociedade tripartida, fome, guerras, peste, etc., contribuindo muitas vezes por reforçar a imagem de uma “Idade das trevas”. (PEREIRA; GIACOMONI, 2008; MACEDO, 2012).

Mais recentemente, uma polêmica sobre o ensino da Idade Média se deu quando da publicação da primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2015. Acusando a proposta do Ministério da Educação (MEC) de valorizar apenas uma História “presentista e nacionalista”, várias associações ligadas à pesquisa em História Antiga e

Medieval no Brasil divulgaram notas de repúdio e elaboraram suas propostas para a versão final do documento. (MENEZES NETO, 2017: pp. 38-43).

Após essas polêmicas, a História Medieval conseguiu permanecer como tema presente na versão final da BNCC. Porém, isto não basta, é mais do que necessário que surjam novas formas de pensar esse ensino na prática, em busca de novas possibilidades para que o ensino da Idade Média na escola não fique preso à memorização de acontecimentos ou conceitos, mas que seja, nas palavras de Jaime Pinsky e Carla Pinsky, uma História ao mesmo tempo “prazerosa e consequente”. (PINSKY; PINSKY, 2012).

Nessa perspectiva, a própria BNCC sugere que no ensino de História, é fundamental “considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram.” (BRASIL, 2017: p. 398). A partir destas considerações, neste artigo, nosso objetivo é analisar uma fonte com grande potencial como recurso didático para o ensino da Idade Média na educação básica: a literatura de cordel e suas narrativas sobre a cavalaria medieval.

A escolha pelo cordel se dá por alguns fatores. Hilário Franco Júnior aponta que muitos elementos medievais continuam presentes no Brasil. No plano cultural, por exemplo, “Artur e Carlos Magno estão presentes com frequência na literatura nordestina de cordel, cujo espírito, temática, transmissão recepção essencialmente orais prolongam a poesia europeia da Idade Média no Brasil do século XX.” (FRANCO JÚNIOR, 2006: p. 169). As narrativas da cavalaria presentes na literatura de cordel se apresentam como expressão do que José Rivair Macedo denomina de “residualidades medievais” ou “reminiscências medievais”, que são “formas de apropriação dos vestígios do que um dia pertenceu ao medievo, alterados e/ou transformados no decurso do tempo.”³

O artigo se divide da seguinte forma: em primeiro lugar discorremos sobre o mito de Carlos Magno e da cavalaria desde a Idade Média até chegar ao Brasil e à literatura de cordel, destacando suas principais características e as recriações e transformações que sofreu; no tópico seguinte, analisamos a presença desse mito nos folhetos de cordel produzidos pelo poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, suas influências e o contexto de sua produção, que deu início ao chamado “ciclo carolíngio” no cordel. Por último, discutimos as possibilidades de utilização dos folhetos de Leandro no ensino da História Medieval na educação básica.

O mito de Carlos Magno e da cavalaria: da Idade Média ao Brasil

Carlos Magno (742-814), rei dos francos da dinastia Carolíngia, foi um importante personagem histórico europeu que depois se tornou mítico. Jacques Le Goff aponta que no ano 800, Carlos Magno se faz coroar imperador pelo papa, em Roma, dando a primeira expressão política a uma Europa Ocidental que ia do Mar do Norte ao Mediterrâneo e do Atlântico ao Elba. Carlos Magno, junto a seus conselheiros, legou o esboço de uma civilização comum, o primeiro “renascimento” europeu, unindo o cristianismo e a cultura romana clássica recuperada. O Império Carolíngio seria por um longo tempo, conforme Le Goff, “mesmo depois de sua separação, o coração da Europa”. (LE GOFF, 2012: pp. 62-64).

Em seu período, Carlos Magno foi visto como um guerreiro pelas várias vitórias conquistadas, como descreve Le Goff:

ele surpreende as populações de sua época pelo número e importância de suas campanhas militares, vitórias e conquistas. Seus principais inimigos são os povos germânicos designados como saxões, a respeito dos quais demonstra grande ferocidade, principalmente através da execução de muitos prisioneiros, o que chocou inclusive seus contemporâneos mais admirativos. Ainda em direção ao leste, ele venceu os bávaros, os ávaros e, na Itália, os lombardos, o que o levou a desempenhar o papel de protetor do papado. (LE GOFF, 2009: pp. 70-71).

O adjetivo “grande”, “magnus”, veio após a sua morte. Seu processo de mitificação se inicia com a publicação da obra *Vida de Carlos Magno*, redigida por volta de 840 por um aristocrata franco chamado Eginhardo. Le Goff identifica uma manipulação na imagem do personagem por Eginhardo, primeiro em função da obra literária que estava imitando, *A vida dos doze Césares*, do romano Suetônio, e depois por causa do patriotismo franco que compartilhava. (LE GOFF, 2009: 73; LE GOFF, 2013a, p. 89).

O mito de Carlos Magno se desenvolveu ao longo de toda a Idade Média. As principais regiões que o acolheram e elaboraram, conforme Le Goff, foram a França, a Alemanha, bem como a Itália, as três grandes áreas do Império Carolíngio, sendo que há “um verdadeiro duelo entre alemães e franceses acerca do apadrinhamento de Carlos

Magno à medida que se desenvolvem os sentimentos nacionais.” (LE GOFF, 2009: 80).

Além disso, Le Goff identifica uma extensão do mito do imperador com as Cruzadas:

Uma curiosa extensão do mito de Carlos Magno foi a sua associação ao mundo dos cruzados. Do final do século XI até o século XIII, Carlos Magno foi um dos chefes, um dos protetores da aventura dos cruzados cristãos. Neste sentido, certamente foi grande a influência das obras literárias de sucesso, tais como a *Canção de Rolando* e *Le pèlerinage de Charlemagne à Jérusalem et à Constantinople* (A peregrinação de Carlos Magno a Jerusalém e Constantinopla). Carlos Magno foi o herói de uma cristandade mítica e chegou até a escapar do espaço propriamente cristão, indo parar na Espanha, no mundo bizantino, na Palestina muçulmana. (LE GOFF, 2009: 80-81).

Cabe esclarecer que a convocação oficial do que ficaria conhecida como a Primeira Cruzada, a reconquista da Terra Santa de Jerusalém, aconteceu somente após a morte de Carlos Magno mais de dois séculos depois, em 25 de novembro de 1095. Proferida pelo papa Urbano II, no Concílio que se realizava em Clermont Ferrand, o teor da convocação exorta os cristãos a lutarem contra os inimigos de Cristo, que Urbano identifica como “infiéis”, com o objetivo de libertar o Santo Sepulcro. (FERNANDES, 2013: p. 109). Portanto, a imagem do imperador Carlos Magno foi escolhida como inspiração para os cruzados.

A relação entre Carlos Magno e as Cruzadas também é percebida por Jean Flori, que identifica as primeiras raízes medievais da noção de “guerra santa” na época do imperador. Também recorrendo à análise da obra de Eginhardo, Flori observa que este vê em Carlos Magno “um novo Davi, ungido por Deus para dirigir e dilatar o império cristão, garantir a ordem e a paz no seu interior, proteger as igrejas e os fiéis, vencer os bárbaros e convertê-los à verdadeira fé, pelo livro e pela espada.” (FLORI, 2013: pp. 35-36).

Alcuíno, conselheiro do imperador, igualmente contribuiu para a imagem de Carlos Magno como defensor da fé cristã. Em suas cartas, Alcuíno defendia que “o poder secular empunha a espada e é defensor natural do poder espiritual”. Comparando Carlos Magno a Davi, Alcuíno apontava o imperador como “o representante de Deus em seu papel de protetor armado a brandir o gládio, permitindo assim a difusão da fé.” (FLORI, 2013: p. 38).

Outra questão importante que devemos abordar é a construção da imagem do cavaleiro medieval como um defensor do cristianismo, que passou por transformações ao longo da Idade Média. Le Goff descreve que a cavalaria surge no século XI, sob a

categoria de *militēs*. Estes eram ao mesmo tempo guerreiros a serviço de senhores mais importantes e guardiões de castelos a serviço de castelãos. Por volta do ano 1000 houve uma tentativa de submeter os cavaleiros às diretrizes da Igreja, como forma de controlar a brutalidade dos guerreiros. Assim, eles receberam a missão de proteger as viúvas e órfãos e de modo geral os fracos e pobres, além de pessoas sem armas, como os primeiros comerciantes. (LE GOFF, 2009: pp. 110-111).

Já com as Cruzadas, ocorre a cristianização dos cavaleiros. Le Goff relaciona a imagem da cavalaria com as guerras de Reconquista na Península Ibérica, então ocupada pelos muçulmanos:

Um espaço específico favoreceu o desenvolvimento desta cavalaria cristã: a Península Ibérica. A Reconquista, ou seja, a retomada essencialmente militar pelos cristãos da península dominada pelos muçulmanos elevou os cavaleiros ao primeiro plano. Eles tornaram-se modelos prestigiosos não somente para os cristãos da península, como também para todos os habitantes da cristandade. (LE GOFF, 2009: p. 112).

Nesse contexto, a imagem do cavaleiro defensor da fé foi associada, por exemplo, aos reis cristãos, sendo o rei da Inglaterra Ricardo Coração de Leão (1189-1199) “o que adquiriu a melhor imagem de rei cavaleiro”. (LE GOFF, 2009: p. 112). Alguns santos da Igreja também foram apresentados como cavaleiros, como São Jorge, o “santo cavaleiro”, o modelo do cavaleiro cortês que emprega sua força, coragem e natureza sagrada a serviço dos fracos, como no episódio em que ele é representado como aquele que mata o dragão para libertar a princesa. (LE GOFF, 2009: p. 113).

Flori indica a importância das literaturas em língua vulgar na celebração da cavalaria e sua transformação em mitologia, como o caso das “canções de gesta” que nascem na França no início do século XII. Elas se apossam “da personagem ideal do bravo cavaleiro, heroico até o exagero como Rolando, valente e sábio como Olivier, ou infatigável defensor do rei e da fé como Guilherme.” Já no século XIII surge o tema dos “Novos Bravos”, que “faculta uma espécie de história santa da cavalaria, que através da Antiguidade e de seus modelos (Heitor, Alexandre, César), liga os heróis da cavalaria cristã (Artur, Carlos Magno e Godofredo de Bulhão) aos da cavalaria bíblica (Josué, Davi e Judas Macabeu).” (FLORI, 2006: pp. 196-197).

Uma obra literária fundamental neste contexto é *A Canção de Rolando*, criada por volta do ano 1100 pelo poeta Turolde, que seria um clérigo anglo-normando. Rolando é

um personagem histórico, mas quase nada se sabe sobre sua vida, há apenas uma menção na obra *A vida de Carlos Magno* de que ele é sobrinho do imperador. (LE GOFF, 2009: p. 258; LE GOFF, 2013b: p. 407). Segundo Le Goff, o manuscrito no qual se funda a edição moderna de *A Canção de Rolando* é uma versão anglizada e modernizada no meio social do rei anglo-normando Henrique II Plantageneta, conservada em um manuscrito de Oxford dos anos 1170-1180. (LE GOFF, 2009: p. 259; LE GOFF, 2013b: p. 407).

Le Goff faz uma síntese da narrativa:

A canção de Roland conta um episódio, cuja base provavelmente é histórica, das expedições do exército carolíngio na Espanha, onde o imperador combate os reis sarracenos, em especial o de Saragoça, Marsílio. Junto a Carlos Magno lutam o belicoso Rolando e o pacifista Ganelão. Carlos Magno decide propor a paz a Marsílio, mas Ganelão, por ódio de Rolando, incita o rei mouro a atacar traiçoeiramente a retaguarda do exército de Carlos Magno, de cujo comando Rolando foi incumbido. O ataque imprevisto produz-se nos Pireneus, na altura do desfiladeiro de Roncesvales, onde um imenso exército sarraceno ataca o pequeno exército cristão comandado por Rolando, que é ajudado por seu companheiro Oliveiros e pelo Arcebispo Turpino. Seria preciso pedir socorro ao imperador e à maior parte de suas tropas, mas por orgulho Rolando se recusa. Quando se resigna a tocar a trompa para chamar Carlos Magno, já é tarde demais. Só resta a Rolando e seus companheiros lutar corajosamente; até o último deles é morto. A única coisa que Carlos Magno, chegando tarde demais, pode fazer é dar-lhes uma sepultura decente. Quando chega em Aquisgrana e anuncia a morte de Rolando à sua noiva, a bela Aude, esta morre. O velho imperador constata, lamentando-se, que será preciso recomeçar a luta contra os sarracenos. (LE GOFF, 2009: pp. 259-260).

A obra *A Canção de Rolando* é impregnada pelo espírito das Cruzadas, com Rolando tornado o modelo do cavaleiro cristão e francês. (LE GOFF, 2009: p. 260). A obra está inserida num momento em que a literatura medieval, segundo Michel Zink, só existe plenamente sustentada pela voz, atualizada pelo canto, pela recitação ou pela leitura em voz alta. Até meados do século XII as jovens literaturas vernáculas conheciam apenas os gêneros cantados, como a canção de gesta. Esta conserva artificialmente as marcas da oralidade mesmo quando é escrita: encenação do recitante, interpelação do público, efeitos de eco e repetições ligados à composição estrófica. (ZINK, 2006: pp. 80-81). Dessa forma, podemos imaginar o impacto no público das narrativas das cavalarias medievais, de Carlos Magno e Rolando, nos efeitos e mensagens que pretendiam difundir. O fato de serem transmitidas em linguagem oral com encenações poderiam reforçar no público a imagem heroica do cavaleiro que lutava e se sacrificava em prol da fé cristã contra os inimigos da Igreja.

Devido à essa ligação com a oralidade, as histórias sobre a cavalaria medieval, Carlos Magno e Rolando vão se disseminando na Idade Média em diferentes recriações e atingindo novos espaços. Lêda Tâmega Ribeiro cita o fato de que “são numerosos os testemunhos de que, graças às peregrinações a Santiago, os poemas sobre Carlos Magno se propagaram de modo extraordinário na Espanha.” Se *A Canção de Rolando* não mencionava Santiago, suas refundições do século XII já se referem a Carlos Magno como o primeiro peregrino a Compostela e como o libertador do caminho ocupado pelos sarracenos.” (RIBEIRO, 1986: p. 83). Segundo Ribeiro, os temas “mais memoráveis da poesia épica”, tanto na França quanto na Península Ibérica, são “os ligados à reconquista antislâmica”, sendo a expedição de Carlos Magno a Saragoça e seu desastroso fim em Roncesvalles “o tema mais universalmente famoso dentre os que circulavam pela voz dos jograis de gesta.” (RIBEIRO, 1986: p. 80).

Uma dessas recriações das histórias sobre Carlos Magno foi o romance de cavalaria francês *Les conquêtes du Grand Charlemagne*, de 1445, que foi traduzido para o espanhol em 1525, acrescido das façanhas de Bernardo Del Carpio. (BATISTA, 1971: p. 143). Esta e outras adaptações em prosa da gesta medieval aparecem remodeladas desde o século XV, inspirando o ciclo carolíngio da literatura de *colportage* francesa dos séculos XVI e XVIII. Com a tradução espanhola seguem muitas reimpressões, sendo a distribuição feita em volumes e em *pliegos sueltos*, o que permite a difusão, barata, de vários episódios, circulando também na América espanhola. (KUNZ, 2001: p. 77).

A tradução para o português ocorre entre 1728 e 1737 por Jerônimo Moreira de Carvalho. Conforme Martine Kunz, “trata-se de uma remodelação completa do velho texto espanhol, ao qual são amalgamados episódios do Ariosto e do Boiardo”. Outro autor, Alexandre Gomes Flaviense redige uma terceira parte, intitulada *Verdadeira terceira parte da História de Carlos Magno em que escrevem as gloriosas ações e vitórias de Bernardo del Carpio*. Essas três partes são reunidas numa só por um editor do século XVIII e constituem a chamada *História de Carlos Magno* em prosa. (KUNZ, 2001: pp. 77-78). Estes livros chegam e circulam no Brasil com o processo de colonização portuguesa. Câmara Cascudo relata que chegou a ver um exemplar da edição de 1863, com estampas de madeira, e que pertencera a Hugolino Nunes da Costa. (CASCUDO *apud* BATISTA, 1971: p. 143).

Vários autores destacam a importância do personagem de Carlos Magno na cultura popular brasileira. Sebastião Nunes Batista afirma que “depois da Bíblia Sagrada, a História de Carlos Magno foi o livro de maior penetração nos sertões do Brasil, principalmente no Nordeste”. (BATISTA, 1971: p. 143). Câmara Cascudo indica a dimensão que tomou a obra sobre Carlos Magno no Brasil, especialmente no Nordeste:

A História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França foi, até poucos anos, o livro mais conhecido pelo povo brasileiro do interior. De escassa popularidade nos grandes centros urbanos, mantinha seu domínio nas fazendas de gado, engenhos de açúcar, residências de praia, sendo às vezes o único exemplar impresso existente em casa. Raríssima no sertão seria a casa sem a História de Carlos Magno, nas velhas edições portuguesas. Nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do Imperador de barba florida. (CASCUDO *apud* RIBEIRO, 1986: p. 86).

Dulce Martins Lamas observa que a repercussão histórica alcançada por Carlos Magno e seus cavaleiros ultrapassa a todas as fronteiras e “através da literatura de gesta e de ficção histórica derrama-se, ainda hoje por outros povos que, de qualquer sorte, sofreram direta ou indiretamente a influência cultural do mediterrâneo.” (LAMAS, 1989: p. 8). A autora identifica referências a Carlos Magno em várias manifestações populares no Brasil além da literatura de cordel que veremos adiante, tais como: em esculturas de madeira, a exemplo das esculpidas pela artesã Zefa em Minas Gerais; as Mouriscas e o Alardo, lutas simuladas entre cristãos e mouros em festas religiosas, como a Festa de São Sebastião no Espírito Santo; as Cavalhadas, lutas equestres entre cristãos e mouros que se realizam no Brasil em vários lugares, podendo ocorrer dramatizações e pequenas escaramuças (combates equestres) em que os dois grupos disputam carreiras a cavalo e termina com o jogo das argolinhas. (LAMAS, 1989).

Lamas justifica a persistência da temática de Carlos Magno nas manifestações populares no Brasil por transmitir sentimentos que seriam universais e atemporais:

É conveniente lembrar que a poesia épica popular será sempre um agente catalizador de emoções. Em linguagem simples ela transmite os sentimentos de coragem, bravura, justiça, [...] Ultrapassa por essa razão, o sentimento nacional. Desconhece qualquer fronteira política, étnica ou social. Desse modo é que se pode explicar a persistência dos feitos heroicos de Carlos Magno, Rei dos Francos, entre os grupos na zona rural brasileira, que desconhecem, na maioria das vezes, a figura histórica de Carlos Magno. (LAMAS, 1989: p. 10-11).

Assim, seguindo esse caminho que transita entre o oral e o escrito nas mais diversas manifestações populares, com uma narrativa e mensagens que atraem o interesse do povo, a temática de Carlos Magno e da cavalaria medieval vai se expandir no Brasil também a partir do final do século XIX e início do XX com uma literatura que vai surgir no Nordeste do Brasil e que vai atrair um público cada vez maior com suas histórias: a chamada literatura de cordel. Para Lêda Tâmega Ribeiro, a literatura de cordel é “sem dúvida, herdeira da tradição medieval”. Para a autora, as raízes do cordel devem ser procuradas na Normandia, em Flandres, na Picardia, nos cantões de “*langue d’oi*”, com os “*trouvères*” criadores das “*chansons de geste*”, com os poetas que celebraram os feitos heroicos e patrióticos dos nobres senhores, as explorações guerreiras dos heróis nacionais e dos cavaleiros cristãos. (RIBEIRO, 1986: p. 80).

Leandro Gomes de Barros e o “ciclo carolíngio” na literatura de cordel

A literatura de cordel⁴ é uma poesia em versos rimados que surgiu no Nordeste no final do século XIX, com narrativas sobre diversos temas.⁵ Márcia Abreu afirma que para adequar-se à “estrutura oficial” da literatura de cordel, um texto deve ser escrito “em versos setessilábicos ou em décimas, com estrofes de seis, sete ou dez versos”. Deve seguir um “esquema fixo de rimas e deve apresentar um conteúdo linear e claramente organizado”, com “rima, métrica e oração.” (ABREU, 1999: p. 119).

Seu suporte impresso mais conhecido é o folheto.⁶ Uma das características do folheto de cordel é a de que foi por muito tempo um impresso que era adquirido também por analfabetos, que conheciam as histórias por meio da oralidade, da escuta dos versos por alguém alfabetizado, o que leva Ana Galvão a utilizar o termo “leitores/ouvintes” para o público do cordel. (GALVÃO, 2006). Em 19 de novembro de 2018 a literatura de cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O primeiro a escrever, imprimir e vender folhetos de cordel de forma sistemática, passando a viver de sua produção, foi o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Segundo Ruth Brito Lemos Terra, “a partir de temas da tradição oral e de acontecimentos do momento ele criou a literatura popular escrita do Nordeste. Enquanto viveu foi ‘primeiro sem segundo’ na sua arte.” (TERRA, 1983: p. 40).

Os folhetos de cordel do Brasil se inserem na categoria de impressos que Roger Chartier denomina “de ampla circulação, destinados a um público que na maior parte é popular.” na França do Antigo Regime existia a chamada “Biblioteca azul” (*Bibliothèque bleue*), que era uma “fórmula editorial, inventada pelos Oudot em Troyes no século XVII, fazendo circular no reino livros baratos, impressos em grande quantidade e vendidos por ambulantes.” Tal fenômeno ocorre também em outros países: nos séculos XVII e XVIII eram impressos na Inglaterra os *chapbooks*, e na Espanha os *pliegos de cordel*, que eram livretos destinados à maioria, além da literatura de cordel em Portugal. (CHARTIER, 2004: p. 261).

Apesar dessa similaridade do cordel de ser um impresso de grande circulação, Arievaldo Vianna, o biógrafo de Leandro, defende a originalidade da poesia criada pelo poeta paraibano:

Leandro não se limitou a reaproveitar os temas correntes, oriundos do romanceiro medieval e dos ABCs manuscritos compostos em quadra, que já circulavam aos montes pelo Nordeste narrando a gesta do boi e do cangaceiro. Ele foi mais longe. Criou um tipo de poesia cem por cento brasileira, versejou em diversas modalidades (sextilha, setilha e martelo), utilizando a redondilha maior (sete sílabas) e o decassílabo. (VIANNA, 2014: p. 20).

Cabe comentarmos sobre a formação literária de Leandro. Nascido em Pombal, na Paraíba, em 1865, Leandro passou boa parte de sua infância e adolescência na Vila do Teixeira, também no mesmo Estado, sendo criado pelo seu tio materno, o Padre Vicente Xavier de Farias, pois se tornou órfão muito jovem. Segundo Vianna, a formação de Leandro teve influências das lições que recebeu do Padre Vicente, da convivência com os cantadores que passavam pela região e também das leituras de obras como as Escrituras Sagradas e a *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, que fizeram de Leandro “um verdadeiro elo entre o popular e o erudito”. (VIANNA, 2014: p. 44).

Mais tarde, durante várias mudanças de endereço, Leandro passou a viver da venda de folhetos de cordel. Vianna afirma que o poeta passou a publicar folhetos em 1889, “talvez já os escrevesse há algum tempo, mas só começa a publicar a partir desse ano.” (VIANNA, 2014: p. 140). Por fim, estabeleceu-se em Recife, mandando imprimir seus folhetos em várias tipografias da cidade.

Segundo Terra, o poeta vendia folhetos pelas ruas de Recife e durante o percurso dos trens da linha-sul de Pernambuco. Seus folhetos eram vendidos também nas casas

onde residiu, pelo correio e por meio de agentes revendedores. (TERRA, 1983: pp. 30-31). Vianna destaca que o poeta “tinha um espírito aventureiro, gostava de viajar sertão afora, ora em lombo de burros e cavalos, ora nos trens da *Great Western*, percorrendo os estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Rio Grande do Norte.” (VIANNA, 2014: p. 65).

A leitura de *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França* inspirou Leandro a produzir dois folhetos de cordel sobre a temática da cavalaria medieval: *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e *A prisão de Oliveiros e seus companheiros*. Conforme Vianna, há uma edição completa do primeiro datada do ano de 1909. Já em 1913 “sai uma edição (completa) de *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, pela Typ. da Livraria Franceza Recife.” Segundo Vianna, Leandro preferiu imprimi-la numa oficina tipográfica com mais recursos. (VIANNA, 2014: p. 147).

O folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, em sua versão original, contém 55 páginas, no formato de décimas, ou seja, com estrofes de dez versos de sete sílabas. Apesar de citar personagens dos mitos da cavalaria, como Carlos Magno e Rolando, aqui chamado de Roldão, a narrativa deste folheto destaca a luta travada entre Oliveiros, um dos Doze Pares de França, os cavaleiros que lutavam ao lado de Carlos Magno na defesa do cristianismo, contra Ferrabrás, o rei dos turcos, uma referência aos muçulmanos. Depois de uma longa e difícil luta, Oliveiros vence e Ferrabrás se converte ao cristianismo. (BARROS, 1913).

Já *A prisão de Oliveiros e dos seus companheiros*, com 47 páginas, trata da continuação da história. Após derrotar Ferrabrás, Oliveiros e outros cavaleiros são presos pelo almirante Balão, pai de Ferrabrás. Na prisão, são ajudados por Floripes, filha do rei Balão e irmã de Ferrabrás, que era apaixonada pelo cavaleiro Gui de Borgonha. O folheto se concentra na luta que ocorreu dentro do reino da própria Turquia, entre os turcos liderados por Balão, e os cristãos liderados por Carlos Magno e seus cavaleiros. Os cristãos vencem e Carlos Magno também concede a Balão a oportunidade de se converter, porém este não aceita, sendo por fim morto e sepultado. No final da história, Carlos Magno divide o reino da Turquia entre Ferrabrás, agora cristão, e Gui de Borgonha, que se casou com Floripes. (BARROS, s/d).

Tem início então o que é denominado de “ciclo carolíngio” na literatura de cordel. Além das reedições dos folhetos de Leandro⁷ há a publicação de outros poetas sobre o

tema.⁸ Nesse sentido, Ribeiro descreve da seguinte maneira como teria sido o longo percurso das histórias do tema carolíngio até chegar à literatura de cordel no Nordeste brasileiro, destacando também a sua presença na tradição oral:

Em outras palavras, o tema carolíngio nascido entre os jograis de gesta teria passado à literatura culta e por esta via entrado no Brasil, voltando depois à oralidade e à poesia de folhetos. Entretanto, não é improvável que a lenda de Carlos Magno tenha chegado à nossa poesia popular com a própria literatura de cordel vinda da Península, como um dos seus temas já tradicionais, por meio da mais autêntica transmissão oral: o canto dos poetas das ruas e praças, os jograis de todos os tempos. (RIBEIRO, 1986: p. 86).

Mark Curran destaca que os folhetos sobre Carlos Magno e os doze pares de França “tornaram-se o cerne do ciclo heroico do cordel”, pois passaram a simbolizar “o Bem do herói cordeliano”. O autor se refere como característica das histórias deste ciclo os “paladinos cristãos que, com o nome de Nossa Senhora nos lábios, enfrentavam obstáculos insuperáveis opostos pelos ‘turcos’”, e que “sonhavam em converter os infieis à verdadeira fé do catolicismo romano e foram alçados à condição de campeões da humanidade.” (CURRAN, 2011: p. 109).

Vejamos alguns exemplos de como Leandro Gomes de Barros construiu a sua versão da história de Carlos Magno no folheto *História de Oliveiros e Ferrabrás* comparando com o livro *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França* a partir do estudo realizado por Sebastião Nunes Batista. O livro apresenta os Pares de França mais importantes, como Roldão, Oliveiros, Guarim, Gui de Borgonha, Ricarte, Tietri, Lamberto, Urgel, Guabeboa, Hoel, Nemé, Jofre, Bosim de Gênova e Galalão. Batista observa que já no caso de Leandro, este “focalizou no seu folheto o nome daqueles cavaleiros que tiveram destacado papel na batalha de Oliveiros com Ferrabraz”. (BATISTA, 1971: p. 145):

Tinha o duque de Nemé
Que era uma espada medonha,
O grande Gui de Borgonha
Geraldo de Monde Fé,
Carlos Magno tinha fé
Em todos seus cavaleiros,
Pois entre todos guerreiros
De que nos trata a história
Vê-se sempre a maior glória
De Roldão a Oliveiros. (BARROS, 1913: p. 2).

Em várias passagens, Leandro faz uma síntese em versos do texto em prosa do livro, com o objetivo de destacar as principais tramas e utilizar termos que fossem compreensíveis para seus leitores e ouvintes. Em um determinado trecho, *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França* aborda a ida de Ferrabraz a Mormionda onde se encontrava Carlos Magno com os doze Pares de França, e de como Ferrabraz foi insultá-lo:

Oh imperador Carlos Magno! Homem cobarde e sem valor! manda dois, ou três, ou quatro dos mais valentes e melhore dos doze Pares contra mim somente que espero vencer a batalha; e venham, ainda que seja Roldão, Oliveiros, Tietri e Urgel de Danôa; que te juro pelos meus deuses, que não hei de voltar a cara ainda que sejam seis. E adverte que estou só no campo e muito longe do meu exército, e se isto não fazes publicarei por todo o mundo a tua grande cobardia e dos teus cavaleiros, e direi que são indignos de se chamarem valorosos. (apud BATISTA, 1971: p. 149).

Leandro escreve em versos de cordel a passagem acima da seguinte forma:

Foi Ferrabraz procurar
Saiu com uma grande tropa
Vê se achava na Europa
Um rei para pelejar,
Pegou logo a aclamar
Com mais precipitação,
Fazendo uma exclamação,
Insultando os cavaleiros
Falando contra Oliveiros
Fazendo acinte a Roldão. (BARROS, 1913: pp. 2-3).

O processo de adaptação para a linguagem da literatura de cordel leva em conta vários fatores para se formar o que Márcia Abreu chama de “história bonita” de cordel. Segundo a autora, em estudo sobre as adaptações de textos da literatura erudita em folhetos de cordel, para o poeta compor uma “história desembaraçada”, ou seja, uma história compreensível para os leitores, é necessário “evitar o acúmulo de personagens e de tramas, por isso é desaconselhável desenvolver enredos paralelos ou dar lugar a personagens secundários”. Uma “história desembaraçada” requer também “poucos personagens, de preferência separados entre bons e maus.” (ABREU, 2004: pp. 205-206).

Abreu aponta ainda que a adaptação é feita “segundo as ‘regras’ de composição dos

folhetos, já que o interesse pelo tema, ou pelo enredo, não é suficiente para que o público habitual de folhetos aprecie um texto de literatura erudita.” Mesmo quando há uma transcrição praticamente literal do texto-matriz, “inserem-se cortes a fim de obter versos setissílabos e introduzem-se palavras – ou altera-se sua ordem – para criar rimas.” (ABREU, 2004: p. 202).

Martine Kunz, ao comparar a obra *A Canção de Rolando* do século XI com *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* de Leandro Gomes de Barros, diz que “fica patente a cumplicidade artístico-literária” entre os dois, mas considera que o verso setissílabo do folheto de Leandro, “mais leve, torna o ritmo mais vivaz, confere alegria e charme à vontade de matar dos cavaleiros. O cordel se revela mais conciso, rápido, eficaz do que a gesta antiga.” (KUNZ, 2001: p. 81).

Dessa forma, o poeta Leandro Gomes de Barros trouxe uma importante contribuição para a difusão do mito de Carlos Magno e da cavalaria medieval na cultura popular brasileira, em uma linguagem mais acessível ao público. Entendemos que seus folhetos apresentam grande potencial também para a educação, mais especificamente para o ensino da História Medieval, sendo um recurso didático viável para os professores da educação básica utilizar em suas aulas. A seguir, vamos discutir possibilidades metodológicas para a utilização destes folhetos nas aulas de História.

Os folhetos de Leandro Gomes de Barros no ensino da História Medieval

Ao longo dos anos a literatura de cordel foi um dos meios de alfabetização das camadas populares do interior do Brasil. Renato Carneiro Campos já observava na década de 1970 que, “levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado” e que “os professores e assistentes sociais poderão encontrar na literatura de cordel, valioso auxílio para o bom êxito das suas tarefas.” (CAMPOS, 1977: p. 10). Um exemplo disso é poeta cearense Arievaldo Viana Lima (1967-2020), que relata que sua alfabetização se deu nos anos de 1972 e 1973 no interior do Ceará acompanhando a leitura de folhetos e romances de cordel realizada pela sua avó Alzira. (LIMA, 2006: p. 15).⁹

A partir dos anos 2000, com a revitalização da literatura de cordel com o surgimento de novas editoras, como a Tupynanquim, no Ceará, os próprios poetas

perceberam a importância de formar novos leitores de cordel para que houvesse uma continuidade desta literatura, além da formação de novos poetas. Assim, também se voltaram para projetos de divulgação da literatura de cordel nas escolas, a exemplo do projeto “Acorda cordel na sala de aula”, de Arievaldo Viana Lima.¹⁰ Devido a essas iniciativas, hoje o cordel tem seu espaço nas escolas para a alfabetização dos alunos e para o melhor entendimento dos conteúdos escolares nas mais diversas disciplinas. Também é utilizado em momentos de descontração.

O século XXI também viu surgir vários estudos com reflexões, propostas e experiências com a literatura de cordel no ensino de História, sendo utilizados como recurso didático para a reflexão de temas como o cangaço (GRILLO, 2006), o período Vargas (1930-1954) (LACERDA; MENEZES NETO, 2010), discussões sobre a história e cultura afro-brasileira (MENEZES NETO, 2020) ou até mesmo sobre a Grécia Antiga. (MENEZES NETO, 2016). No entanto, o tema da Idade Média na literatura de cordel e suas relações com o ensino de História não tem despertado a atenção dos pesquisadores, seja por falta de interesse ou desconhecimento sobre a temática. Um dos raros estudos que encontramos é o texto de Luciano José Vianna sobre o folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* como extrato do medieval e suas possibilidades para o ensino de História. (VIANNA, 2018).

Sobre o texto de Vianna, apesar de reconhecer a sua iniciativa, temos algumas considerações a fazer. A primeira é que o autor, ao invés de demonstrar de forma mais prática como o folheto de Leandro Gomes de Barros poderia ser utilizado pelos professores da educação básica, se preocupa somente em reforçar a ideia de que a história narrada pelo poeta

“apresenta muitas informações que não condizem com o contexto dos acontecimentos, ou seja, o ano de 778”, dizendo que se refere mais ao contexto da segunda metade do século XI que ao contexto do Império de Carlos Magno, “uma vez que o ideal religioso associado aos aspectos bélicos ainda não estava disseminado pelo Ocidente medieval.” (VIANNA, 2018). Entretanto, em nenhum momento o autor faz referências às recriações e transformações no mito de Carlos Magno e da cavalaria medieval no longo percurso desde as canções de gesta da Idade Média até chegar ao Brasil e à literatura de cordel, desconsiderando um processo rico e significativo na perpetuação do mito. Em nossa opinião, essa visão do autor acaba por desvalorizar o poeta Leandro Gomes de Barros.

Luciano Vianna também questiona Leandro por ter utilizado o termo “turcos” para se referir àqueles que eram liderados por Ferrabrás, afirmando que a presença do Islã na Península Ibérica, não foi representada filologicamente pelo termo “turco”, mas sim por outros termos, como, por exemplo, “sarraceno” ou “mouro”. (VIANNA, 2018). Mais uma vez o autor desconsidera as recriações e adaptações do mito e do folheto de Leandro, não mencionando, por exemplo, a leitura que o poeta fez do livro *História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, as normas do cordel que o poeta deve respeitar e o público destinado, o que pode ter levado Leandro a escolher o termo “turcos”. Ao utilizar apenas uma bibliografia exclusivamente relacionada aos estudos da Idade Média, sem ler trabalhos sobre a literatura de cordel e suas possibilidades para o ensino de História, Vianna não se atenta para as particularidades do cordel, o contexto da produção de Leandro Gomes de Barros e como o folheto poderia ser utilizado pelos professores. Dessa forma, o texto de Vianna, se limitando em “julgar” ou procurar uma “exatidão histórica” nos versos de Leandro, não se mostra suficiente para quem deseja se aprofundar nas relações entre a literatura de cordel, a História Medieval e o ensino de História.

A nossa proposta é de problematizar como os versos do poeta paraibano contribuíram para a continuidade do mito da cavalaria medieval e como podem ser utilizados nas aulas de História. Para tal, torna-se necessário dialogar com a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que é o documento que orienta as escolas e professores no momento da elaboração de seu planejamento pedagógico.

Para o 6º ano do ensino fundamental, a BNCC sugere como uma das unidades temáticas “Trabalho e formas de organização cultural”. Um dos objetos de conhecimento nesta temática diz respeito ao “papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média”, que visa desenvolver a habilidade de “analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval.” (BRASIL, 2017: pp. 420-421). Entendemos que o trabalho com o tema da cavalaria na literatura de cordel se insere nestas orientações, pois ajuda na compreensão de como a Igreja Católica medieval também se utilizou da cavalaria e da “guerra santa” para difundir a sua religião. Embora seja direcionado ao 6º ano, nada impede que o professor, dependendo de sua carga horária e do seu planejamento, possa trabalhar também essa temática em outras séries, como no 7º ano.

A utilização dos folhetos de Leandro sobre a cavalaria medieval também pode ser feita pelos professores de História que atuam no Ensino Médio. Uma das competências específicas para as Ciências Humanas e Sociais aplicadas no Ensino Médio sugere analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (BRASIL, 2018; p. 559). Já dentre as habilidades previstas está a de analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (BRASIL, 2018; p. 560).

Nessa perspectiva, torna-se necessário utilizar outros recursos além do livro didático de História. Os professores da educação básica, mesmo com todas as limitações impostas em seu cotidiano de trabalho, têm buscado alternativas para o ensino de História Medieval, como filmes, documentários e imagens, como demonstra a pesquisa de Menezes Neto e Maia sobre as práticas de ensino de professores da rede pública de ensino em Belém. (MENEZES NETO; MAIA, 2017). Concordamos com Macedo quando este observa que, para o contato com o universo medieval em sala de aula, convém repensar a própria linguagem, sendo um bom caminho explorar no ensino outras possibilidades de comunicação, como a imagem e a oralidade. (MACEDO, 2012: p. 118).

Utilizamos para a nossa proposta os dois folhetos de Leandro Gomes de Barros sobre a cavalaria medieval, *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* e *A prisão de Oliveiros e seus companheiros*, que estão disponíveis no *site* da Fundação Casa de Ruy Barbosa. (BARROS, 1913; BARROS, s/d.). Em um contexto de pandemia do covid-19, com muitas aulas atualmente sendo realizadas de forma remota, com os alunos utilizando a *internet*, o acesso a esses folhetos no *site* pode ser mais acessível do que na versão impressa, até porque há a possibilidade de fazer o *download* dos folhetos para guardar nos arquivos do computador, *tablet* ou celular.

Antes de trabalhar com os folhetos, é necessário que o professor faça uma introdução do assunto, com o livro didático. É importante que os alunos tenham alguns conhecimentos mínimos sobre a Idade Média, a sociedade medieval, o poder e a influência da Igreja Católica no período, as Cruzadas e por fim, a cavalaria medieval e

seus significados. Também é sugerido que os alunos façam uma pesquisa preliminar sobre a literatura de cordel, pois há a possibilidade de que haja alunos que não conheçam esta manifestação literária. Recomendamos que os alunos façam uma leitura prévia dos folhetos ou de trechos selecionados em casa antes do trabalho em sala de aula, seja presencial ou virtual.

Como o cordel apresenta uma linguagem em versos rimados, com uma forte ligação com a oralidade, a primeira atividade sugerida é a leitura coletiva em voz alta de folhetos, considerada por Ana Marinho e Helder Pinheiro como “indispensável”. Além disso, a metodologia da repetição, a realização de mais de uma leitura, “ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado.” Assim, “diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor.” (MARINHO; PINHEIRO, 2012: p. 129).

No entanto, há uma questão importante a ser considerada. Os dois folhetos que utilizamos são longos: *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* possui 55 páginas, e *A prisão de Oliveiros e seus companheiros* 47 páginas. Devido ao tempo da aula de História na escola, torna-se difícil fazer uma leitura completa dos dois folhetos. Assim, uma sugestão é que o professor selecione algumas estrofes que acredita serem mais relevantes para a atividade e para os objetivos a serem atingidos.

Após a leitura oral do cordel, Arievaldo Viana Lima sugere “elaborar um questionário sobre a narrativa do folheto” (LIMA, 2006: p. 59). O questionário seria uma forma de estimular a interpretação e o entendimento da narrativa pelos alunos. Já Marinho e Pinheiro sugerem também a realização de debates e discussões em sala de aula a partir da variedade de temas do cordel. Conforme os autores, “tanto é possível discutir determinados assuntos a partir de um folheto quanto compará-lo com outros”. (MARINHO; PINHEIRO, 2012: p. 130).

Vamos sugerir aqui algumas estrofes dos dois folhetos que o professor pode utilizar para uma reflexão sobre a cavalaria na Idade Média, que pode ser desenvolvida por meio de questionário ou de debate:

Aquele foi o que entrou
Dentro de Jerusalém
Não respeitando ninguém

Até apóstolos matou.
No templo sagrado achou
Bálsamo que Deus foi ungido
Coisas que tinham servido
Na paixão do Redentor
A coroa do Senhor
Tudo foi subtraído. (BARROS, 1913: p. 5).

Na parte da história referida pela estrofe acima, Leandro narra a provocação de Ferrabrás, rei dos turcos, contra Carlos Magno e os cristãos. Ferrabrás desdenha das façanhas do imperador e do seu exército. Carlos Magno então pergunta quem é Ferrabrás, que é apresentado como aquele que invadiu e ocupou a cidade sagrada de Jerusalém, destruindo as relíquias sagradas do cristianismo.

A partir desta estrofe podemos analisar o significado de Jerusalém para os cristãos no período anterior e durante as Cruzadas e a importância das relíquias. Segundo Jean Flori, as fontes do século XI apontam que a Cruzada foi pregada como operação militar de reconquista dos lugares santos de Jerusalém, na qualidade de uma guerra santa prescrita aos guerreiros em troca da remissão de seus pecados. (FLORI, 2006: p. 19). Jerusalém também ficou conhecida por conter várias relíquias da cristandade, objetos considerados sagrados por terem relação com as passagens bíblicas. Flori aponta que desde antes das Cruzadas as peregrinações à cidade provocavam entusiasmo no Ocidente, que desejava as relíquias (falsas e verdadeiras) “para sacralizar seus santuários e suas cerimônias.” (FLORI, 2006: p. 13). No século XI, o acesso à Jerusalém não vai mais ser permitido aos ocidentais, com as invasões dos turcos seldjúcidas, povos islamizados provenientes da Ásia Central, contra os abássidas em Bagdá, até a Ásia Menor, a Síria e a Palestina, ocupando assim parte do território do Império Bizantino. (FERNANDES, 2013: p. 106).

Em outro momento da narrativa de *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, os dois personagens começam a lutar. Leandro assim descreve algumas cenas da batalha:

Posto sem ordem prosseguiram
A luta em estreitos passos,
Das grossas lanças os pedaços
De ambos ao longe caíram,
Ambos logo se serviram
De duas finas espadas
Cortantes, grandes e pesadas

Que era uso dos guerreiros
Das feridas de Oliveiros
Foram três as magoadas. (BARROS, 1913: p. 19).

Já tinha se espedaçado
Anéis, capacete e tudo,
Não tinha mais um escudo
Que não tivesse quebrado.
As lanças tinham voado
Só as viseiras existiam
Eles já mal se cobriam
Nas horríveis cutiladas.
Somente as duas espadas
Sem dano algum resistiam. (BARROS, 1913: p. 28).

A partir desta estrofe o professor pode discutir a questão das armas utilizadas pelos cavaleiros nos combates. Le Goff explica que o cavaleiro medieval é antes de tudo um guerreiro, utilizando um equipamento militar. (LE GOFF, 2009: p. 109). Sobre esse equipamento o autor descreve:

As suas principais armas são a longa espada de gume duplo, a lança com cabo de madeira de freixo ou de faia e ponta larga de ferro e o escudo de madeira revestido de couro que tomava diversas formas: circulares, oblongas ou ovóides. A rígida couraça dos romanos dá lugar à brunea, um gibão de couro recoberto de escamas de metal imbricadas como as telhas de um telhado. O elmo geralmente não é mais do que uma calota de ferro, às vezes formada por uma armadura metálica revestida de couro. (LE GOFF, 2009: p. 109).

Algumas das armas dos cavaleiros foram transformadas nos mitos da cavalaria em armas lendárias. Na estrofe a seguir, Leandro se refere à “duridana”, a espada de Roldão:

Nessa última batalha
Sanguinolenta e tirana,
Minha espada duridana
Não mostrou uma só falha,
Daquela bruta canalha
Arrebatei a vitória
Que ficará em memória
Aqueles grandes perigos
Os cavaleiros antigos
Foi a quem destes a glória. (BARROS, 1913: p. 6).

A espada é um instrumento importante na narrativa sobre Rolando. Segundo Le Goff, o herói se distingue “pela posse e o uso de objetos imbuídos de um caráter sagrado”, a exemplo da espada Durandal, que assim como um ser vivo possui um nome e que é a companheira inseparável de Rolando.” (LE GOFF, 2009: p. 262).

No contexto das estrofes a seguir, Ferrabrás está praticamente derrotado. Ao invés de matá-lo, Oliveiros tenta convencê-lo a abandonar seus deuses e se converter à fé cristã:

Se tu chegasse a crer
Na Santíssima Trindade,
No Poderoso Deus Padre
Havias de conhecer
Que ao mundo rege um poder
De grande sabedoria,
Que a tudo alimenta e cria,
Fez o céu, a terra e o mar,
E é mais puro que o ar
Mais claro que o próprio dia. (BARROS, 1913: pp. 40-41).

Deixe estes ídolos que adora
Cria na Virgem Maria
Cria que um Deus nos cria
Julga tudo em uma hora,
Bote estas ilusões fora
Que o demônio não lhe pise
Peça a Jesus que o avise,
Abrace a religião
Peça das culpas perdão
Cria em Deus e se batize. (BARROS, 1913: p. 41).

A narrativa descreve que após um milagre, sendo tocado pela ação do “espírito santo”, Ferrabrás acaba por reconhecer o Deus cristão como sendo o único e verdadeiro.

Assim que Ferrabraz viu
Se ultimando sua vida,
Pôs a mão sobre a ferida
A Oliveiros pediu
Julga-se que o turco sentiu
Uma emoção tanto ou quanto
Que disparou nesse pranto
Sentindo e tão magoado,
Como se fosse tocado
Do Divino Espírito Santo. (BARROS, 1913: p. 43).

- Nobre e grande cavaleiro!
Disse o turco arrependido,

Agora estou convencido
Que teu Deus é verdadeiro,
Grande, bom e justiceiro
Ente de grande mister,
Faz tudo quanto quiser
Só ele tem heroísmo
Te peço dai-me o batismo
Depois faça o que quiser. (BARROS, 1913: p. 44).

A partir dessas estrofes é importante destacar como a narrativa de Leandro, influenciada pelo mito da cavalaria medieval de vários séculos, reforça uma imagem do cavaleiro herói que luta pela fé cristã. Por mais que seja um guerreiro, que mata os inimigos em suas batalhas, a característica principal do cavaleiro não é a violência ou a ferocidade, mas a sua fé e a piedade. Sua missão não é só a conquista militar, mas levar a fé em Cristo para todos. Essa ideia é simbolizada nos versos de Leandro pelo herói Oliveiros, que prefere salvar seu inimigo do que simplesmente matá-lo.

Em *A prisão de Oliveiros e dos seus companheiros*, o já convertido Ferrabrás tenta também convencer o seu pai, o almirante Balão, rei dos turcos, a se converter ao cristianismo. A ideia transmitida no apelo de Ferrabrás é de que todos os deuses adorados pelo seu pai na verdade eram ação do demônio:

Ali chegou Ferrabrás
Aos seus pés se ajoelhou
Banhado em pranto o rogou
Não adorar ídolo mais
Dizendo é o satanás
Que vive o perseguindo
Meu pai que está se iludindo
Quando o eterno o chamar
O senhor há de chorar
O demônio entra sorrindo. (BARROS, s/d: p. 43).

Uma discussão interessante pode ser feita em relação a construção na narrativa da imagem do inimigo dos cavaleiros cristãos, os “turcos”. Após a conversão de Ferrabrás e a continuidade da luta contra os outros turcos, aparece no campo de batalha um “gigante”, que apesar da forma monstruosa não amedronta Oliveiros, que o derrota:

Chegou um gigante enorme
Trazendo uma grossa lança
Disse dos pares de França

Não deixarei nem o polme
Era um gigante disforme
Um aspecto horrendo e feio
Parecia um grosso esteio
Chegava a vir a galope
Oliveiros deu-lhe um golpe
Lascou-o de meio a meio. (BARROS, 1913: p. 52).

Outro inimigo descrito como gigante, no folheto *A prisão de Oliveiros*, é Galafre, o gigante que vigiava o portão de entrada do reino da Turquia:

Existe um portão enorme
Com três arcos de ouro puro
É quem o faz mais seguro,
É um gigante disforme
De um aspecto disconforme
Um gesto repugnante
É musculoso e possante
São brutas suas maneiras
É quem defende as fronteiras
Das terras do almirante. (BARROS, s/d: p. 17).

Entendemos que essas imagens construídas pelo poeta em relação aos “vilões” da história, servem para valorizar ainda mais o feito dos cavaleiros que lutavam pela fé cristã. A construção da imagem dos inimigos como “gigantes” também se apresenta como uma estratégia narrativa para desumanizar os turcos muçulmanos. Isso é comum, por exemplo, em folhetos que tratam de histórias de crimes de grande repercussão, em que os assassinos são representados como “feras”, “bárbaros”, etc. (MENEZES NETO, 2012: pp. 114-117).

A partir da problematização do modo como os povos muçulmanos são retratados na narrativa de Leandro Gomes de Barros, o professor pode fazer uma abordagem da expansão muçulmana no período da Idade Média. Segundo Peter Demant, numa primeira onda, nos séculos VII a XI, os árabes expandiram o islã para o Oriente Médio e a África do Norte e estabeleceram não somente o mais extenso Estado do mundo, mas desenvolveram uma civilização original e avançada, sendo conhecida como fase clássica. Num segundo estágio, nos séculos XI-XIV, o islã sofreu reveses no Oriente Médio, mas continuou sua expansão na Ásia central e Índia, sendo a Idade Média muçulmana. (DEMANT, 2014: p. 37).

Aliado a essa abordagem do processo histórico, o professor pode destacar alguns temas da religião muçulmana, como os cinco pilares do Islã – *Shahada* ou testemunho,

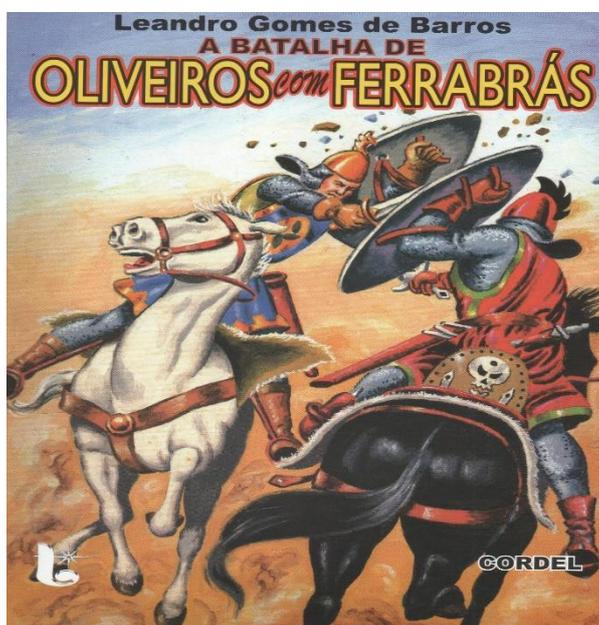
Salat, Zakat ou esmola, Ramadã e *Hajj* (DEMANT, 2014: pp. 27-28) – suas relações com o judaísmo e o cristianismo, e suas contribuições. Pierre Guichard aponta que o saber árabe teve importância considerável na formação da ciência e cultura europeias, mesmo não sendo um processo pacífico de transmissão do saber. As conquistas marítimas europeias a partir do século XV serviram-se também do saber muçulmano, graças às traduções de obras árabes em latim efetuadas na Espanha, Itália e França durante os séculos XII e XIII. Cristóvão Colombo, por exemplo, apoiava-se num conhecimento geográfico herdado quase sempre dos árabes e das traduções que estes tinham feito dos sábios da Antiguidade. (GUICHARD, 2006: pp. 645-646). Dessa forma, torna-se uma excelente oportunidade de realizar junto com os alunos a desconstrução de preconceitos, infelizmente ainda bastante presentes quando se fala dos muçulmanos na atualidade.

Caso haja a possibilidade de aulas presenciais, e dependendo da turma, uma sugestão é a realização do que Marinho e Pinheiro denominam de “jogo dramático”, uma atividade “agradável e que recupera a capacidade da criança e do jovem de fantasiar, de recriar a realidade”. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 134). Ou seja, a criação de uma peça sobre as histórias da cavalaria medieval, com os alunos representando os personagens, como Oliveiros, Ferrabrás, Carlos Magno, Roldão, Balão, Floripes, etc. Sabemos que é um desafio, a realização de peças a partir do cordel exige um processo de preparação, de envolvimento dos alunos, que podem se sentir tímidos em participar ou ficarem nervosos no momento da apresentação, como demonstra a experiência de Menezes Neto ao trabalhar com uma peça em uma escola pública a partir das narrativas em cordel de mulheres negras por Jarid Arraes. (MENEZES NETO, 2020). Contudo, caso a peça consiga ser viabilizada, será de grande êxito pedagógico para o professor e para turma.

Marinho e Pinheiro propõem também discutir e trabalhar “as ilustrações típicas dos folhetos, que são as xilogravuras.” Deve-se conversar com os alunos sobre “as condições sociais em que foram e continuam sendo produzidas, sua relação com as histórias, seu caráter mais ou menos realista ou fantasioso, dentre outras questões.” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 130). Embora façamos críticas à essa visão dos autores que restringem as capas dos folhetos às xilogravuras, desconsiderando outros tipos de ilustrações, pensamos ser interessante a ideia de analisar as capas dos folhetos.

Trazemos aqui como exemplo a capa de *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* produzida na edição da editora Luzeiro, de São Paulo, do ano de 2012. Embora não tenhamos informações de quem ou quando foi criada esta ilustração, ela traz várias possibilidades de análise.

IMAGEM: CAPA DE BATALHA DE OLIVEIROS COM FERRABRÁS NO FOLHETO DA EDITORA LUZEIRO



Disponível em: <http://www.editoraluzeiro.com.br/literatura-de-cordel/292-a-batalha-de-oliveiros-com-ferrabras-luzeiro.html> Acesso em: 24 mar. 2021.

Esta ilustração da capa reproduz uma cena da batalha entre os dois personagens principais do primeiro folheto: Oliveiros, o cavaleiro cristão e Ferrabrás, o turco muçulmano. Oliveiros está de frente para o leitor, montando um cavalo branco atacando o inimigo com a sua espada. Percebemos aqui referências sutis à uma demonização de Ferrabrás. O fato do cavalo de Oliveiros ser da cor branca e o de Ferrabrás da cor preta apresenta uma representação do contraste da luta entre a luz e as trevas, entre o bem e o mal. A sela do cavalo do turco traz um símbolo de uma caveira, o que também representa pertencer a um vilão que faz maldades. Assim, a capa tem a função de antecipar ao leitor o tema do folheto, deixando claro quem é o herói e o vilão e que eles estão em um campo de batalha, na época da cavalaria.

Ao se referirem ao uso de fotografias no ensino de História, o que vale também para as imagens de forma geral, Regina Oliveira, Vanusia Almeida e Vitória Fonseca apontam que o primeiro elemento a ser considerado é o contexto de sua produção: qual a relação possível de ser estabelecida entre o tempo e o espaço que a imagem traz? (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012: p. 51). Apresentarmos aos nossos alunos as perspectivas contidas na imagem tanto se apresenta como um desafio, como uma possibilidade de fazê-los não somente olhar a imagem e tratá-la como demonstração do real, mas também questioná-la e possibilitar que façam outras leituras de uma sociedade ali representada. (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012: pp. 51-52).

Outra atividade que o professor pode fazer a partir dos folhetos de Leandro Gomes de Barros é estimular que os alunos ilustrem as narrativas de cordel, com o uso de lápis de cor, de guache, aquarelas, etc. Também se pode trabalhar com colagens com toda uma turma montando um amplo painel e utilizando diferentes materiais. (MARINHO; PINHEIRO, 2012: p. 133).

Acrescentamos ainda a possibilidade da criação de histórias em quadrinhos a partir da leitura dos folhetos.¹¹ Segundo Túlio Vilela, a produção de quadrinhos pelos próprios alunos, além de permitir a interdisciplinaridade da História, Língua Portuguesa e Artes, pode estimular os estudantes a desenvolverem a competência de representar e comunicar (comunicação escrita, gráfica e pictórica). O autor sugere, por exemplo, o trabalho em dupla, quando um aluno pode elaborar o roteiro da história em quadrinhos e o outro, desenhá-la; ou em equipe: um pode escrever, outro fazer o desenho a lápis e passar para outro finalizar os desenhos com nanquim ou canetinha preta; e outros podem ainda se incumbir dos balões, das letras e de colorir. (VILELA, 2012: p. 128).

Marinho e Pinheiro sugerem ainda a possibilidade que os alunos “reescrevam determinados fragmentos de poemas, modifiquem algumas ações, mudem pontos de vista”. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 133). A partir dos folhetos de Leandro, o professor pode estimular uma atividade de criação de um texto, desenhos ou quadrinhos com o ponto de vista de Ferrabrás e dos muçulmanos, uma recriação da narrativa sob outra perspectiva.

Considerações finais

O artigo buscou discutir como a literatura de cordel pode contribuir para o ensino da História Medieval. A partir do exemplo dos folhetos de Leandro Gomes Barros, que abordam o tema da cavalaria, tentamos demonstrar as possibilidades de utilização desta fonte nas aulas de História na educação básica. Em nossa visão, o cordel apresenta grande potencial pedagógico por sua linguagem em forma de versos rimados, o que facilita a compreensão pelos alunos e permite diversas metodologias, como a leitura, a elaboração de questionários, debates, elaboração de desenhos e quadrinhos.

Logicamente, para que tudo seja realizado de forma a proporcionar um ensino significativo da História Medieval, é necessária uma preparação prévia do professor, com pesquisas e leituras. Entendemos que o professor da educação básica é um intelectual que produz conhecimento, tendo um papel fundamental na construção de uma Idade Média mais próxima dos alunos e da sociedade do que uma Idade Média exótica ou de “trevas”.

Pensar a cavalaria medieval com os folhetos de Leandro é uma forma também de valorizar a cultura popular e suas tradições, que ainda estão presentes em várias regiões do Brasil. Se aparentemente o Brasil não teve uma Idade Média aos moldes da Europa Ocidental, algumas marcas do período chegaram até o presente, reelaboradas e ressignificadas, impactando de certa forma os leitores e ouvintes dos folhetos de cordel, que encontraram nos versos de Leandro um meio de distração ou de reflexão sobre a sua própria vida e de seus valores. Por tudo isso, a literatura de cordel merece cada vez mais ganhar reconhecimento e espaço nas aulas de História, a exemplo dos temas da História Medieval, como foi aqui apresentado. Esperamos que o artigo estimule novas reflexões e inspire professores a pensar e a utilizar o cordel em suas aulas.

Referências

Fontes

Folhetos de cordel

BARROS, Leandro Gomes de. **Batalha de Oliveiros com Ferrabrás**. Recife: Typ.

Livraria Franceza, 1913. Disponível em:

<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/1726/2/Batalha%20de%20Oliveiros%20com%20Ferrabraz.pdf>

BARROS, Leandro Gomes de. **A prisão de Oliveiros e seus companheiros**. s/d.

Disponível em:

<http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/1789/2/A%20Priz%C3%A3o%20de%20Oliveiros.pdf>

Bibliografia

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita” – relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul.-dez. 2004.

BATISTA, Sebastião Nunes. Carlos Magno na poesia popular nordestina. **Revista Brasileira de Folclore**, ano XI, n. 30, p. 143-170, maio/ago. 1971.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste**. 2 ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

- CURRAN, Mark. **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.
- DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERNANDES, Fátima Regina. Cruzadas na Idade Média. In: MAGNOLI, Demétrio. (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques; Schmitt, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval, volume I**. Bauru-SP: Edusc, 2006.
- FLORI, Jean. Jerusalém e as Cruzadas. In: LE GOFF, Jacques; Schmitt, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval, volume II**. Bauru-SP: Edusc, 2006.
- FLORI, Jean. **Guerra santa: Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FREITAS, Itamar. A história universal de José Estácio Correia de Sá e Benevides (1890/1903). In: **Histórias do ensino de história no Brasil (1890-1945)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. História em verso e reverso. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 2, n. 13, p. 82-85, out. 2006.
- GUICHARD, Pierre. Islã. In: LE GOFF, Jacques; Schmitt, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval, volume I**. Bauru-SP: Edusc, 2006.
- KUNZ, Martine. Carlos Magno sertanejo. In: **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.
- LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magella de. Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. **Outros Tempos**, vol. 7, n. 10, p. 217-236, dez. 2010.
- LAMAS, Dulce Martins. Persistência da temática de Carlos Magno no folclore brasileiro. **Revista Goiana de Artes**, 10 (1), p. 7-29, jan./dez. 1989.
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **Uma breve história da Europa**. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

- LE GOFF, Jacques. Carlos Magno. In: LE GOFF, Jacques. (org.). **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013a.
- LE GOFF, Jacques. Roland. In: LE GOFF, Jacques. (org.). **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013b.
- LIMA, Arievaldo Viana (org.). **Acorda cordel na sala de aula**. Fortaleza: Tupynanquim /QueimaBucha, 2006.
- LUYTEN, Joseph. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MACEDO, José Rivair. Sobre a Idade Média residual no Brasil. In: MACEDO, José Rivair. (org.). **A Idade média portuguesa e o Brasil: reminiscências, transformações, ressignificações**. Porto Alegre: Vidrúguas, 2011.
- MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de História. In: KARNAL, Leandro. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922 - 1949)**. Belém: Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará – UFPA, 2012.
- MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Musas filhas de Apolo, tragam-me inspiração, para narrar uma guerra, de nação contra nação”: a literatura de cordel no ensino da Grécia Antiga, um relato de experiência em escolas públicas do Pará. **Revista Sobre Ontens**. LAPHIS-Laboratório de Aprendizagem Histórica da UNESPAR/ Projeto Orientalismo da UERJ, vol. 1, 2016.
- MENEZES NETO, Geraldo Magella de. As discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular de História: entre polêmicas e exclusões (2015-2016). **Revista Crítica Histórica**, ano VIII, n. 15, p. 31-61, jul./2017.
- MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Semana da Consciência Negra” e literatura de cordel: relato de experiências no ensino de História na Escola Estadual Ruth Passarinho (Belém-PA, 2019). **Revista Inform@ção: A Revista Digital do CEFOR/SEDUC**. Belém-PA, vol. VI, n. 8, p. 55-68, dez. 2020.

- MENEZES NETO, Geraldo Magella de; MAIA, Livia Lariça Silva Forte. A História Medieval e seus desafios na educação básica: relatos de professores de escolas públicas de Belém do Pará. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**. Fortaleza, vol. 5, n. 9, p. 35-63, mai.-ago. 2017.
- NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.
- OLIVEIRA, Regina Soares de; ALMEIDA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo da. A utilização da fotografia em sala de aula. In: **A reflexão e a prática no ensino – Volume 6 – História**. São Paulo: Blucher, 2012.
- PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. **Possíveis passados: representações da Idade Média no ensino de História**. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2012.
- RIBEIRO, Lêda Tâmega. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1986.
- SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. **Revista Brasileira de Cultura**. Rio de Janeiro, jul./set. 1971, n. 9, p. 87-108.
- TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global Editora, 1983.
- VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros: vida e obra**. Fortaleza: Edições Fundação Sintaf/ Mossoró-RN: Queima-Bucha, 2014.
- VIANNA, Luciano José. Ensino de História e literatura de cordel: extratos do passado medieval em ‘A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás’. **4º Simpósio Eletrônico Internacional de Ensino de História**. 9-13 abr. 2018. Disponível em: <http://confesimpohis2018.blogspot.com/p/ensino-de-historia-e-literatura.html>
- VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, Jacques; Schmitt, Jean-Claude. (orgs.).
Dicionário Temático do Ocidente Medieval, volume II. Bauru-SP: Edusc,
2006.

Notas

¹ O termo “Idade Média” foi criado no século XVI. O termo expressava, segundo Hilário Franco Júnior, um desprezo indistigado em relação aos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI. O sucesso do termo veio com o manual escolar do alemão Christoph Keller (1638-1707), publicado em 1688. A associação do período a uma “Idade das trevas”, barbárie e ignorância, foi reforçada pelos renascentistas e iluministas (FRANCO JÚNIOR, 2006: pp. 11-12). Mesmo sabendo do contexto de sua criação, optamos por utilizar esse termo de forma crítica, em virtude de estar consolidado nas pesquisas históricas e no saber histórico escolar.

² Conforme aponta Elza Nadei, a história inicialmente estudada no país foi a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira “História da Civilização”. Os livros brasileiros eram inspirados em manuais franceses, como os de Seignobos e Malet. (NADAI, 1992/1993: p. 146). Por exemplo, no livro *Lições de história da civilização*, de José Estácio Benevides, de 1902, segundo Itamar Freitas, a chamada “história média”, compreendia o período que “decorre desde a queda do império romano até o décimo quinto século, por ocasião da descoberta da América.” (FREITAS, 2006: p. 161).

³ Dentre os exemplos mencionados por Macedo como “residualidades medievais” ou “reminiscências medievais” estão as festas, os costumes populares, as tradições orais de cunho folclórico que remontam aos séculos anteriores ao XV e que preservam algo ainda do momento em que foram criados, mesmo tendo sofrido acréscimos, adaptações, alterações; além de monumentos arquitetônicos originados na Idade Média. (MACEDO, 2011: p. 13).

⁴ Sobre a denominação “literatura de cordel”, ela está diretamente relacionada a um tipo de impresso que circulou em Portugal nos séculos XVII ao XIX. Ana Galvão cita Câmara Cascudo, ao situar “na década de [19]60 a difusão dessa denominação no país para se referir aos ‘folhetos impressos’ no território brasileiro, até então somente utilizada para o caso português”, já que, conforme afirmou o folclorista, acontecia ainda em algumas partes do Brasil o “fato de os livros serem postos à venda ‘cavalcando um barbante.’” Até então, os termos mais utilizados eram “folheto”, “livrinho de feira”, “livro de histórias matutas”, “romance”, “folhinhas”, “livrinhos”, etc. (GALVÃO, 2006: pp. 26-27). A adoção do termo “cordel” se dá primeiramente pelos acadêmicos, sendo depois absorvido pelos próprios poetas como meio de obter reconhecimento e legitimidade de sua produção.

⁵ Vários autores buscaram classificar a literatura de cordel de acordo com as temáticas. Carlos Azevedo divide em ciclos: “ciclo da utopia; do marido logrado; do demônio logrado; dos bichos que falam; da obscenidade; de exemplos e de maldições; heroico e fantástico; histórico e circunstancial; amor e bravura; cômico, satírico.” Manuel Cavalcanti Proença divide em três grandes grupos: “poesia narrativa, didática e os poemas de forma convencional.” Marlyse Meyer classifica nos dois grandes grupos tradicionalmente referenciados: “romances e folhetos.” Por último, Liedo Souza aponta que os folhetos podem ser “de conselhos, de eras, de santidade, de correção, de cachorrada, de profecias, de gracejo, de acontecido, de carestia, de exemplos, de fenômenos, de discussão, de pelejas, de valentia, de ABC, de Padre Cícero, de Frei Damião, de Lampião, de Antônio Silvino, de Getúlio, de política, de safadeza e de propaganda.” (GALVÃO, 2006: pp. 35-37).

⁶ Os folhetos de cordel vendidos inicialmente eram impressos em papel pardo, de má qualidade, medindo de 15 a 17 x 11 cm. Nas capas se estampam o nome do autor, os títulos dos poemas, o nome da tipografia impressora e seu endereço. Algumas vezes, a data de publicação, o preço, a indicação do local de venda. (TERRA, 1983: p. 23). Com o tempo foram sendo inseridas imagens nas capas, em formato de xilogravuras, charges, fotografias, etc., com a função de antecipar ao leitor o tema da história. Sobre o número de páginas, Joseph Luyten aponta que o folheto é feito a partir de uma folha tipo sulfite dobrada em quatro. Por isso, o número de páginas da literatura de cordel deve ser múltiplo de oito, já que cada folha sulfite dobrada em quatro dá possibilidade para oito páginas impressas. (LUYTEN, 2005: p. 45). Atualmente existem vários

suportes do cordel além dos folhetos, como: livros, as redes sociais da internet, como *Facebook* e *Instagram*, e aplicativos de celular, como o *whatsapp*.

⁷ Há inclusive edições “piratas” das obras de Leandro Gomes de Barros, ou seja, publicadas sem a sua autorização. Essa era uma prática era comum realizada por Francisco Lopes, da editora da Guajarina, de Belém do Pará, fundada em 1914. Vicente Salles aponta que um catálogo da editora de 1920, enumerava 20 títulos, dentre eles *Batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, de Leandro. (SALLES, 1971: p. 98). Para evitar a pirataria, Leandro começou a estampar em seus folhetos a partir de 1917 o seu próprio retrato. (TERRA, 1983: p. 30).

⁸Sebastião Nunes Batista cita em seu artigo os folhetos “mais expressivos” sobre o tema: “Batalha de Carlos Magno com Malaco, Rei de Fez, de José Bernardo da Silva (?), alagoano, radicado no município cearense de Juazeiro do Norte”; “O Cavaleiro Roldão, de Antônio Eugênio da Silva, natural dos brejos paraibanos”; “Roldão no Leão de Ouro, de João Melquíades Ferreira da Silva (1868-1933), outro paraibano, de Bananeiras”; “Traição de Galalão e a Morte dos 12 Pares de França, de Marcos Sampaio, provavelmente cearense”. (BATISTA, 1971: pp. 143-144). Martine Kunz, aponta que em seu estudo se baseou também em *A História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, de João Lopes Freire e *Roldão no Leão de Ouro*, de João Martins de Athayde. (KUNZ, 2001: p. 105)

⁹ Eis o relato de Arievaldo: “Minha avó Alzira possuía uma maleta cheia de ‘versos’ e fazia a leitura dos mesmos em voz alta, para deleite de crianças e adultos. Ao anoitecer, assim que terminavam os afazeres da faina doméstica, nós nos reuníamos atentos em torno da mesa para ouvir sua leitura desembaraçada de *As proezas de João Grilo*, *Martírios de Genoveva*, *A vida de Cancão de Fogo e seu Testamento*, *Chegada de Lampião no Inferno*, *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, *O príncipe do Barro-Branco* e a *Princesa do Reino do Vai-Não-Torna* e outros clássicos da poesia popular nordestina. Foi assim que, antes de ter qualquer contato com a Literatura Erudita e até mesmo com a televisão (morávamos numa fazenda sem energia elétrica), minha mente ficou povoada de heróis, anti-heróis, bichos mandingueiros, reis, castelos e princesas encantadas.” (LIMA, 2006: p. 15).

¹⁰ O projeto “Acorda cordel na sala de aula” “propõe a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos e também nas classes do Ensino Fundamental e Ensino Médio.” (LIMA, 2006). Em vários *blogs* na internet podemos encontrar relatos de visitas de poetas às escolas para a divulgação de folhetos. Ver *Cordel Atemporal*, do poeta Marco Haurélio, disponível em: <http://marcohaurelio.blogspot.com.br> ; e o *blog* do poeta Varnecki Nascimento, disponível em: <http://varnecicordel.blogspot.com.br> .

¹¹ *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás* também já foi publicada no formato de histórias em quadrinhos, produzida por Klévisson Viana e Eduardo Azevedo, pela editora VoltaeMeia, no ano de 2012.